

Rua Nova



ANNO II

Recife, 19 — 6 — 1924

N.º 4

500

RS.

Amard
Grov.





A DEUSA DA MODA

Grande estabelecimento
de modas

VENDAS A VAREJO

Rua do Livramento
N. 95 e 102

MARQUES & COMP.

Telephone 510

Neste luxuoso estabelecimento encontra-se permanente sortimento de tecidos finos e modernos; de seda, lã, linho e algodão, em lindas cores, lisos, gaufrees e estampados.

Enxovaes completos para casamento e baptisado

**Enfites para vestidos, como sejam, fitas,
missangas, rendas, laises, etc.**

**CORTINADOS PARA CAMA E CORTINAS PARA
PORTAS E JANELLAS.**

Stores promptos bordados e pannos para reposteiros.

Tapetes do mais barato ao mais fino.

Extractos finos, loções, agua de colonia, oleo de quina e outras perfumarias de todos os fabricantes.

Bolças de mão e para viagens, maletas e sacos para roupas.

Atelier de chapéos para senhoras e crianças.

Palhas, fitas, flores, frutos, aygrettes, esparterie, telas e outros artigos para confecções de chapéos.

Tudo por preço de armazem.

Typ. "Jornal do Recife".

A EXPOSIÇÃO

Rua Nova, 286

Elegancia, modas, perfumes

A Exposição



é quem ex-
põe, o mais
variado e
completo
sortimento,
a preços
mais em
conta.
Artigos
novísimos

Pharmacia Avenida

de Gastão Oliveira

Escrupuloso serviço de receituário

***** **medico** *****

**Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas,
() nacionaes e estrangeiras (—**

Mantem diariamente das 8 ás 10 horas da
manhã, serviço de consultas medicas a cargo de competente
clinico sendo este serviço gratis ás
pessoas pobres.

Avenida Lima Castro, 273

CASA CENTRAL

ALFAITARIA

DE

Antonio Gonçalves

Completo sortimento
de casemiras, Plam-
beach e brins. Confeção
de 1.ª ordem.

Preços e pontualidades
sem competencia.

**Rua Mathias de Albu-
querque, 83**
Recife

Quer ser feliz?

Visite a

**Sapataria Santo
Antonio**

é a unica que combate a carestia e
ofrece vantagens aos seus freguezes.
Calçados para homens, senhoras e
creanças, meias, malas, chapéus,
guardasóes, capas de borracha e mu-
tos outros artigos que agradarão ao
mais exigente freguez. Rua larga do
Rosario, 134. — J. Mariano Que-
des. — Recife.

CASA BRACK



É o primeiro
estabelecimento
de modas, miude-
zas e perfumarias.

As elegantes
confeccões do Re-
cite são feitas na

CASA
BRACK

Preços modicos ao
alcance de
todos

244 - Rua Nova - 244

Viriato & Villa-Chan

Os maiores recebedores de xarque
no norte do Brasil
Grandes vendedores de xarque e es-
tivas em grosso pelo menor
preço do mercado

Rua Pedro Affonso 6 e 20

Teleg. VIRIATO—RECIFE

Pernambuco

AS CASAS "PAULISTA"

Dispõe constantemente de enorme e
variadissimo sortimento de
tecidos de todas as qualidades, nacio-
naes e estrangeiros, que
vendem a preços sem competencia.

Novidades

todas as semanas

Omega!!! Omega!!!

Setenta milhões de relógios dessa marca estão espalhados pelo mundo.

Únicos depositários em todo o norte do Brasil

J. Pessoa de Queiroz & Cia.

RECIFE

Amorim, Fernandes & C.

avisam ao commercio e ao publico, que são os unicos vendedores da afamada aguardente, saborosa e aperitiva

MULATA

e recebedores exclusivos da manteiga, a unica que o povo quer e exige

SALINGER

End. teleg. — ESTIVA. Caixa postal 129

R. Vigario Tenorio, 185 — Pernambuco

Costa Carvalho & Cia. Despachantes geraes da Alfandega e Recebedoria. — Commissões e consignações. — Aceitam-se representações de fabricas nacionaes e estrangeiras. — **Rua Visconde Itaparica n. 224—RECIFE.**

OSWALDO MACHADO BRANDÃO

Despachante geral da Alfandega e Recebedoria.
Encarrega-se de despachos de importação e a obrigação de desembarços.

Trabalho rapido, sincero e perfeito

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA 142 — 1.º ANDAR

RECIFE

Annunciar na
Rua Nova

é ter a certeza de que o

seu annuncio será lido

por 30.000 pessoas ::::



Recife, 19 de Junho de 1924



RUA NOVA

Director—De Sá Leal

Chronica



Não resta a menor dúvida que muito breve difficilissimo será encontrar uma encantadora representante do "sexo fragil que não tenha o cabello cortado a moda "la garçon-ne".

Sendo ouvido a respeito, o celebre Pinto Girard, de Scévola, é de opinião que semelhante moda é um attentado á esthetica, enquanto que o seu collega Van Dongen, não menos celebre, aliás, opina que a moda em questão possui todas as vantagens sobre o antigo uso dos cabellos alongados, quer se aprecie a beleza feminina propriamente dita, quer se trate de um modestissimo problema de hygiene pessoal.

Seja como fór, o caso é que, entre nós, cresce de tal maneira o numero de senhoritas que cortam o cabello, que eu até já pensei em abandonar a minha grave profissão de funcionario publico, para me fazer... cabellereiro.

Com effeito. Não pôde deixar de ser uma occupação deliciosa andar

a gente ás voltas com as senhoritas, desde que estas não sejam feias ou aleijadas.

Até bem pouco tempo somente as mocinhas procuravam attender ás exigencias de semelhante moda; agora, porem, as tendencias generalisadoras que todos as modas possuem, vão attrahindo pouco a pouco as senhoras casadas, aliás muito a contra-gosto dos senhores maridos que acham a nova moda muito interessante, mas... nas mulheres alheias.

Já o disse adiante e me apraz repetir-o que muito me tenta a profissão de cabellereiro de senhoras, especialista em cabellos á "la garçon-ne"; cumpre-me declarar, entretanto, que se a generalisação da citada moda chega a attrahir tambem a legião das velhas, eu, francamente, dou o dito por não dito e sou capaz de enforcar todo aquelle que me fallar...

JOÃO RATAO.



Graça, belleza, fealdade, elegancia e maledi- cencia da Rua Nova ::

Bijou, 5 da tarde de 14 do corrente. Sozinho numa banca, *bandando* um pouco da sra. — *Tristeza* — pharol dos Inojosas e Austros. Que pena não ser poeta da novissima escola... Eu diria coisas ineditas... falaria dos cabellos brancos das nuvens cabindo sobre tudo, nesta epocha triste de inverno; do *po-mar* do sr. Solon de Albuquerque, joven penumbriista; das loucuras encachaçadas desta cabeça



bastilha de mulheres e rosas que tentou levar no *embrulho* a festa do Paulo Torres, com um desafio... aos intellectuaes João Barretto e Oscar Brandão, que lograram geraes applausos...

Mas, ainda estou indeciso. Não sei se me declare futurista, ou se não. Emfim, resolvo provisoriamente a situação: por hoje, sou *passadista*. E' melhor ser conservador, do que reformista sem plano, disse-me

hontem o vigoroso e forte escriptor Mario Sette.

5.20. O Dustan, alegrou-me um pouco. Sentou-se ao meu lado e bateu-me com força na perna.

Não protestei. Muita gente. Seria indelicado. Mas preguei-lhe como vingança uma perfidia, dizendo-lhe: Meus parabens; soube que você sera official de gabinete do Suassuna...

E o Dustan, immediatamente: — "Quem lhe disse? E' serio?" — Ora se é serio.

O brilhante poeta Araujo Filho, leu-me hoje, uma carta do Carlos Dias Fernandes, onde confidencialmente estava narrado o facto.

Ora, não tem importancia Paulistano. Vamos ao Moderno? — Qual é a fita Dustan? "Não sei".

X E fomos. O salão estava muito [cheio... Sentamo-nos. Em frente a quem [lava assim. E lembras-te? De que? — Não sei. Não [sabe? Creio Que estás a gracejar e sem razão de [mim...

Eu, brincando? perdão. Vejo que te [esqueceste...

De teu gesto indiscreto á Debora [Monteiro

Hontem, naquella festa... e ainda [mais tu perdeste

A linda, olhando Zita e Zeta o dia [inteiro...

E o mancebo que, pelo Dustan, soube chamar-se Santiago, disse en-

tre dentes, emotivo e humilde, como sentido de alguma accusação injusta:

"Mas minha filha... estás completa-

[mente errada

Foi puro o cumprimento... e nem

[Zeta e nem Zita

Eu vi naquella festa... oh, por tudo

[acredita....

Tu estás a sonhar oh, minha doce

[amada!

E ella toda dengosa, a falar com o sabôr de mel de engenho, poudo o uquinho roseo e perfumado na bocca arrocheada ao poeta cujo septro está hincado no reino azul das *estrellas* arrematou:

"Antes assim, queridinho". Quero que sejas sempre assim, de uma franqueza assim, de uma attenção assim, de uma bondade assim, de uma meiguice assim, todo assim, para que eu me sinta bem assim, assim como estás vendo..."

Eu não me podendo conter, liguei para o ouvido do meu compauheiro: Essa bateu o record no *assim...* nem Bilac...

5

A fita não foi boa. O reclamo *espalhafatoso* do sr. Santinho dos Santos Americo, amabilissimo e cordeissimo empresario de films extravagantes em materia de originalidade, prejudicou-me os magros nickels que vôaram do seu ninho, á minha calça, para outros céos... mais embutidos...

7.50. Na esquina da Primavera, Passo em revista o formoso batalhão das flôres pernambucanas. E o meu ajudante de campo, que por signal ainda é o Dustan, vae-me dizendo:

"Aurora Ramos — Princesa Imperial desta Veneza, leva duas saphyras... são duas rosas japonezas... verdes... melancolicas... sonhado-

ras; Heloisa Chagas, toda de branco, que Linda branca... deve ser o espelho de sua alma de artista; Izetrizinha, toda loirinha, pequeniminha, engraçadinha, alegrizinha...

Carminda Galvão, soberana qual uma rainha; Albertina Hopper, de azul crêpe da China, vivaz como um passarinho cantando innocentemente ao fulgido clarão de uma manha de sol... Noemi Gonçalves, a Princesa da graça dos Campos Oindenses, envolta num *charmeuse* rosa, vae deslumbrante; Doralice Correia passa e com que passo firme... no seu delicado porte, descortina-se-me uma forma dominadora".

E o Dustan falou de muitas outras, com enthusiasmo, não me deixando brecha, para uma palavra... e depois... invadiu-me o coração uma onda de saudade, saudade das paulistas que tanto quero e tanto amo. Quiz vôar para longe, para São Paulo e o meu espirito foi... e está passeando pelos salões chiques, pelas avenidas e pelas pensões... e lá ainda está reclamando o corpo para viver, sentir e gozar... motivo unico, por que sou forçado a parar a minha corriqueira pena, fazendo um ponto na ultima palavra desta chronica, melancolico, doido por encontrar nesta hospitaleira *Affucinada Mauriceta* um coração, digo uma rosa pernambucana que embriague e entontega com o seu original perfume o sombrio, o saudoso, o só, o triste, o amargurado.

JOÃO PAULISTANO.

—Transcorreu a 13 do corrente o anniversario natalicio da distincta professora sra. d. Ernestina Falcão, que com apreciavel tactica no magisterio primario exerce aquelle argo no povoado de Pontezinha, no municipio do Cabo.

FEMME QUI TOMBE

O carrilhão do "Diário" acabára de soltar, no silencio malassombra-do da noite morta, doze soluços de bronze, rythmicos e sonoros, como o som clangente dos sinos, nas igre-jas do sertão.

Pouco depois, um grito lancinan-te, um grito estridente de mulher desilludida, partiu de uma sordida mansarda daquela mal cheirosa rua Estreita do Rosario.

Acerquei-me do grupo de curiosos que se apertavam em circulos, e vi estendido, sobre a maca da assisten-cia, o corpo anguloso de uma transviada, ainda na flôr dos annos.

Apezar das invasões alueticas,



mal disfarçadas pela maquillagem das faces, naquelle rosto onde dois olhos negros fuzilavam sob a ac-ção do veneno, uma belleza estra-nha refulgia, no seu ultimo ester-tor.

Ah! o "basfond" das cidades, é a

rocha Tarpéa para todos aquelles que perderam, no panno verde da vida, a ultima ficha de uma espe-rança absurda!

En faz-me a reconstruir, interior-mente, todo aquelle romance, assim esbarrado numa scena banal, que a gente commenta entre bocejos de aborrecimento, nos cabarets e entre os paradoxos mundanos, na Bijou.

Aquella joven enfeitçada dos amores clandestinos, foi pura, teve sonhos heraidicos, idealizou tambem o seu larzinho honesto, com trepa-deiras no gradil e roseas creanças brincando no terraço, á hora seis-madora dos crepusculos.

Mas uma noite envolveu-a toda o hypnotismo anest'esiante de um longo beijo capitoso, e quando a po-bresinha despertou da sua longa e agri-doce lethargia! achou-se im-mersa no lodaçal que, para as mu-lheres ludibriadas, tem apenas uma sahida,—o lysol, o kerozene, a mor-phina...

Não sei porque passei o resto da-quella noite de bohemia a pensar nessa mocidade viciosa, que a mal-dade dos homens tangerá, a ponta-pés, para o monte estercorario da Vida.

E' que a côr que mais me com-move é o rôxo das mãos crispadas, o rôxo violaceo dos labios contrahi-dos como para ecclosão de uma blasphemia, o rôxo das palpebras maceradas pelo pranto doloroso das revoltas; e o ruído humano que mais me impressiona é o ruído dos soluços...

ENE'AS ALVES.

✻ Pagina verde ✻

(De um Diário)

"Hoje ao levantar-me, senti no íntimo um como excesso de seiva necessitando de muito sol, muito verde muito ar e movimento para expandir-se.

Foi o que disse a Laura antes do almoço e, como tínhamos para qualquer dia um passeio arrabalde afóra, decidimos fazê-lo hoje. Meio dia a bater na torre das igrejas enchendo o ambiente de vibrações, e nós a sahirmos, sombrinhas inutilmente ao braço, rostos expostos num holocausto radiante ao deus loiro e pagão amante da Terra.

Em meio do passeio encontramos Gastão. Tivera um presentimento de que iríamos sahir e viera ao nosso encontro. Escandalizou-se com a nossa coragem e exigiu que nos resguardássemos do sol. Podíamos até adoecer... (Quando se trata de saúde meu noivo é de um requinte de cuidados abominável!) Ao saber do nosso projecto de andar ao léo pelo campo, gosando o esplendor do dia, inebriando-nos pantheisticamente no verde ambiente das frondes, e o firme proposito que tomamos de o levar a cabo, nada valendo supplicas e imposições, despediu-se amuado, para tomar o primeiro bond que passasse rumo á cidade. Nós continuámos o itinerario absurdo e, quando exaustas mas satisfeitas, voltávamos para casa, os ouvidos asediados ainda pelas agudezas estridentes do canto verde das cigarras, vimos, ao longe, meu

A' desgarrada

Hei de mandar imprimir
Co' o sangue das minhas veias
O livro da minha vida.
Pois quero que tu o leias.

Has de vêr nêle somente,
—Pois que é todo a sua essência —
O pensamento de amar-te
A esvaír-me a existência.

Quando o leque em tua mão
Sobe serêno ao teu rôsto,
Fecha o sorriso em teus lábios,
Vem p'ra mim logo o sol-pôsto...

Muito pequêno, criei-me
A amar, a esperar e a crêr...
Foi-se o amôr na esperança,
Vou já na crença a descrêr!

Mal toca o sino, eu te vejo
Muito leve a andar no adro.
Lembras-me a Virgem Maria
Que eu tenho num lindo quadro.

Quanto sorriso nos mata,
Quanto pranto nos faz bem!
Sorriso é teia de aranha,
Feita de amor e desdem...

Fui no domingo á missa,
Com que fervôr tu resaste!
Tive ciumes do Christo...
Nem sequer p'ra mim olhaste!...

Palpita, meu coração,
'Stás cansado de soffrêr!
E' dôce morrer amando
Quando alguém um bem nos quer!
A. Alves Barboza

noivo no poste, á nossa espera,
mas fingindo esperar na curva
da estrada o parallelipipedo
amarello de um carro da Per-
nambuco Tramways...

1924.

Heloisa Chagas.

Da Imperatriz

á rua Nova

A' UMA "AMIGUINHA" RESIDENTE EM OLINDA.

Sinceramente, minha gentilissima "amiguinha" não lhe suppunha capaz de *loucos* devaneios...

E a prova é que sempre lhe disse aos meus amigos uma santinha, tão ingenua v. se me transparecia...

Verifiquei, porém, com o incidente de 7 do andante (conversava v. com a irmã dum jornalista... não cõre minha "amiguinha", eu o nao contarei a ninguem) que v. *apenasmente*, sabe respeitar as caras".

Não acha... não acha.....

TRECHOS DE UMA CARTA

.....
Ia dançar com v. quando *elle* lhe pediu a honra daquelle "fox-trot".

E v. lhe negou... deu-lhe em cheio um *cõrte* formidavel... tão formidavel que eu "esfriei"...

Olhou-me...

.....
Ausentei-me tão cõdo porque, ao outro dia, partiria rumo de Itamaracá.

Ansioso, porém, espero a oportunidade, que me será immensamente grata, de dirigir-lhe os "passos", enlaçar-lhe á cintura...

AQUELLA FESTA DO COLLEGIO

Decididamente, aquella festa do Collegio esteve muito encantadora.

Elegancia, graça, alegria, perfumes, chá, *beijos*, amõres...



Luisa Gonçalves Ferreira, um dos encantos da nossa sociedade

Beijos caros os da gentilissima N. Gayoso... Carissimos... Tão caros quanto *baratos* os "fõras" agradaveis risonhos....

—Rosas?

—Quanto custa uma rosa?
2\$000, 5\$000, 10\$000...

—Prefiro essa amarella porque fala de mim, tem a cõr de minh'alma, diariamente enganada... enganada...

Minh'alma é quasi uma mentira.

As barcaças de capim

(Do «Terra Pernambucana.»)

Era na época mais fervorosa e agitada da abolição da escravatura.

Todos os brasileiros, e os pernambucanos por excellencia, se envergonhavam da existencia do captivo em seu paiz, procurando cada um, na esfera da sua utilidade, prestar contingente de esforços em prol da grande e nobre obra da libertação desses pobres negros, tão docéis, tão laboriosos, tão bons!

Uns fazem discursos na praça publica, outros escreviam nos jornaes, muitos davam dinheiro para ajudar a alforria de alguns escravos cu facilitavam a fuga de outros.

Os que fugiam, em regra, embarcavam ás escondidas para o Ceará, que foi a primeira provincia do Brasil a dar liberdade aos escravos.

E a bella cruzada tomava quasi um aspecto de religião. Somente os interessados defendiam a escravidão.

No Recife, entre tantas outras, havia um par de almas generosas e estoicas, devotado ao extremo a essa humana causa: eram o dr. José Marianno, politico muito querido do povo, e sua esposa d. Olegarinha.

Residiam em um palacete no Poço da Panella, á margem do Capibaribe, e ali se refugiavam os escravos evadidos dos engenhos, das fazendas, dos sitios, certos de encontrar segurança, amparo e carinho.

Quasi não havia noite em que sorrateiramente, um pobre captivo, não chegasse ao Poço da Panella, por vezes maltratado, o corpo sangrando de castigos, as mãos inchadas de bolos, os dentes arrancados á força, uma lastima, uma tristeza!

D. Olegarinha, ella propria, tratava os ferimentos, consolava os infortunios, prodigalisava-lhes alimentos e vestuários.

José Marianno, por seu lado, andava pregando nas ruas em favor da abolição e o seu verbo ardente e vibrante ia fazendo adeptos.

Por fim, estando o palacete do Poço da Panella muito cheio de refugiados e porque o Ceará fôsse ponto seguro para elles, o tribuno e sua esposa resolveram embarcar alguns dos seus protegidos para aquella provincia.

Todavia, mostrava-se bastante arriscada essa viagem. A policia, a mando do governo, vivia nas beiras dos cães, espreitando as embarcações, no intuito de aprisionar os escravos que fugissem, missão essa que o nosso glorioso exercito recusára altivamente quando o quizeram disso encarregar.

José Marianno, porem, era astucioso. Conseguiu a collaboração devotada dos barcaceiros, e, assim, as barcaças subiam o Capibaribe até o Poço, a pretexto de carregar capim. Ali, á noitinha, os escravos entravam nas embarcações, escondiam-se nos porões, e por cima delles estendiam os feixes de capim.

De madrugada, as barcaças desciam o rio. Passavam diante dos soldados, sem causar desconfiança, serenamente.

E mal dobravam a bocca da barra, abrindo todas as suas vellas brancas, talhando airoosamente o mar, lá se iam como mensageiras da liberdade...

Do "Terra Pernambucana".



Já passámos aqui. — Eis os caminhos.
São os mesmos de dez annos passados.
Eis os serros azues, os mesmos prados
E, nos ramos, talvez, os mesmos ninhos!

DEZ ANNOS DEPOIS

Por allí, vês, andámos nós sósinhos...
Por illusões e sonhos emballados...
—Ah! tempos bons de multiplos peccados,
De indomáveis desejos e carinhos...

Em tudo, exulta ainda a mesma gala!
Ah!... falam estes troncos... tudo fala
De meus beijos de fogo... e em tuas juras...

—Que bom seria, ó minha excelsa amiga:
Tal qual volvemos a esta plaga antiga.
Volver áquelles dias de loucuras...

1924.

Mariano Lemos.



José Correia da Silva

A Honra Lusa deixando exposta aos enxovalhos,
Ante o leão de Castella, a tremer, se acobarda
Furtado de Mendonça, — uma saia de farda
Fugindo dos calções de D. Pedro Cevallos.

Tomada de terror, arranca toda a guarda,
Cai entre as pernas, murcha, em busca dos atalhos;
E á voz do general em chefe dos bandalhos,
O passo toma á frente a louca retaguárda.

E atropelladamente a correr, a matilha,
Cai aqui, tomba ali, precipite, se esgueira
Por entre o mattagal, abandonando a ilha!

Só Um não acompanha o rebotalho humano:
Volta, impavido, ao forte e, cingindo a bandeira,
Retira-se. E esse Um...

Foi o Pernambucano!

(Do Terra Patrum).

José Correia da Silva

Definição de Amor

Como defino o Amôr? trocas a furto
De simples namorados. A primeira
—E' a do olhar. Vae o delle... o drama é curto. —
E o della vem tragando uma barreira.

A segunda — é a do riso. A felleiceira
Ri-se... ri-se o mancebo. O riso surto
Na bocca, é uma fecunda sementeira.
Quem o recolhe, não commette um furto.

A terceira, porém, aqui traduzo:
Crysol que funde o Amôr. Tudo nos diz.
—E' a palavra que cáe vibrando nu'a:

Sou teu, diz elle pallido e confuso...
E ella sonhando ser muito feliz:
Sou tua... tua... inteiramente tua...

De Silva

“A minha tentativa futurista !..”

Ninguém mais do que eu lamenta essa esteril questão entre passadistas e futuristas, que a festa do Paulo Torres veio avivar com o discurso do dr. Oscar Brandão e a replica do Austro-Costa, com as palavras do dr. João Barretto e a tentativa frustrada de uma resposta pelo corypheu contrario — o sympathico advogado Joaquim Inojosa.

Antes mesmo dos successos desenhados na noite artistica do intelligente autor d’“A Hora da neblina”, num jantar intimo que lhe offereci e no qual tambem tomou parte o meu velho amigo Joaquim Inojosa, tive ensejo de manifestar-lhe esse meu desgosto pela divergencia entre as duas escolas e muito principalmente por não ter podido até aquella epocha apprehender as vantagens da escola por elles defendida, que aliás, acrescentarei agora, penso somente se affasta do nosso passadismo raras vezes pela litteratura de intenções (si é que tambem não nos pertence essa litteratura) e multissimas vezes pela de extravagancias...

— Você, — disse o Inojosa, ainda não apprehendeu o futurismo porque não quiz... Vê com prevenção e má vontade todo trabalho futurista! Assim é impossivel!!

Se assim é, adeantou o Paulo Torres, o Inojosa tem razão...

Antypathia como, respondi, se vocês são todos meus amigos! Ao contrario, a minha situação neste caso é igual a de um moço que tivesse toda a familia espiritualista e que no entretanto fosse materialista!

Se fóra pelo coração, ha muito que eu estaria nas fileiras futuristas, mas, infelzmente, nessa questão de idéas o coração é politico desprestigiado, raramente vota...

E arrematei: — vou contar-lhes um facto que comprovará plenamente este meu anção de ser tambem futurista: — Lembra-se Inojosa, da quella noite em que estavamos na “Bijou”, juntamente com o Austro e o Dustan a conversarmos sobre a proxima visita do nosso Paulo Torres?

Pois bem. Certamente por influencia do meio, eu sentia um profundo desgosto em não ser tambem futurista.

E então prometti a mim mesmo que nessa mesma noite, a guisa de ensaio, escreveria uma pagina futurista...

Chegando em casa, dirigi-me immediatamente para a minha mesa de trabalho, disposto a cumprir o prometido; pegando a penna, comecei então, a idealisar a phrase!

Idealisei, primeiramente, uma phrase esplendidamente extravagante, porrem, para minha infelicidade, ao chegar ao fim da pobresinha esquelera todo o principio!...

Esse insuccesso, no entretanto, não me fez desanimar. Concentrei-me profundamente, conseguindo minutos após a phrase que anclava e que para novamente não ser esquecida, a escrevi no proprio pensamento, emquanto a penna ia fazendo o mesmo numa folha de papel...

Imaginei-a do seguinte modo: “na quella noite muito branca eu mal avistava um poste achatado!...”

Então soffrego e commovido, quiz ler a phrase que escrevêra, mas oh! desillusão! A minha pobre mão continuando passadista, gravára no papel:

“naquella noite muito escura, eu mal avistava um poste esguio!”

Junho—924.

Arbor mea



Araujo Filho, uma das mais vigorosas organizações poeticas do Norte quicá, do paiz, tem prompto para entrar no prelo, um livro de versos, intitulado *Arbor mea*. Já tivemos occasião de ver de perto essa jóia, que o poeta, vae expor ao grande publico, vasada numa linguagem de lei, ajustado o pensamento com uma precisão clara, fiel, exacta; moldada a métrica n'um rythmo suave, corrente, sem tropeço; limados com a proficiencia de um grande artista, as rimas que apparecem fundidas de um modo riquíssimo; enfim, obedecendo, aos rigores da forma e ás difficuldades do bom dizer que nesse trabalho se casam brilhantemente, realisando um todo admirativo.

O *Arbor mea* — é um poema dividido em duas partes. A primeira encerra pensamentos philosophicos, sobre a vida e a morte, ditos com subtilidades, reflexos agridoces, que de-

leitam aos que pensam. A segunda parte está cheia de surtos lyricos de amor. Aqui, o poeta, deixa de ser grave e severo, affastando-se das concepções colhidas á beira dos caminhos por onde passa e entra na seara que nos torna a alma toda sentimento, toda poesia.

Araujo Filho, cuidadoso e paciente caçador de joias de alto valor, mi-neiro do pensamento, tange a lyra doceamente, com a maestria dos eleitos, a fecundidade dos pensadores e a belleza dos privilegiados.

Não pense alguém que *Arbor mea* seja um poema pantheista ou objectivista, que todo elle é um canticão elcquente, exaltado e vibrante de subjectismo e espiritalidade; melhor diremos, quando o poema, fadado a um grande successo litterario, impresso, solto á luz da publicidade, chegar ás nossas mãos.

Saudaremos então o poeta e as letras patrias.



A graciosa senhorinha Noemi Góes Cavalcanti

Rua Nova

I

Rua Nova de minha tristeza...
Chovendo, chovendo... As tuas ar-
vorezinhas, com os cabellos verdes
cortados á "la garçonne", e esguios,
e flexuosos, estão tiritando de frio.
Porque vivem sós, como orphãs, ou
como vídvas.

O vento, como um estilête, rasga
o ventre da noite, assobiando. Os ca-
bellos sedosos das arvores estão es-
correndo, molhados. Tão frios os ca-
bellos das arvores...

Minha noite triste, de frio... Eu
penso muito em tí, em que tú vens...
E ouço os teus passos na calçada.
Mentirosamente...

Foi uma gotta d'agua, que caiu...

caiu... O teu passo é leve, como o
cair duma gotta d'agua.

A chuva é fina, tão fina, que até
parece, ella veio só para molhar as
almas... As almas das arvores. As
arvores são a alma errante e lyrica
da rua. E estão com frio... Pobres
arvorezinhas... Rua Nova da minha
tristeza... Chovendo, chovendo...

Recife, 17/24.

DUSTAN MIRANDA.



MARIA GERALDINA

Está em festas o lar do sr. Anto-
nio de Moura Filho e de sua digna
esposa, d. Elvira Carneiro Alves de
Moura, com o nascimento de Maria
Geraldina, occorrido em 14 do cor-
rente.



Hymno á tristeza inspiradora dos poetas modernos

"Foi..." "Não foi..." O'lho a grotta: é inverno. E o inverno
transformou todo o valle num bréjal...

Os sapos dão, em seu dissidio eterno,
a impressão de um torneio ultra-moderno
entre poetas de escola original...

"Foi..." "Não foi"... Na payzagem pardacenta
do matto hydropico descubro o spleen
que a bella natureza experimenta...
Esse ambiente lodoso é o que me contenta...
Muito influe a penumbra sobre mim...

"Meu pae foi rei"... "Foi"... "Não foi"... "Foi"... "Não foi"...
E a Gia hysterica, dengosa, grita: — "Que é?
— "Ginga" Nenen!" — pede-lhe o sapo-boi...
E em meio a bacchanal — "Foi"... "Não foi"... "Foi"... "Não foi"...
Ouve-se unisono á Tristeza um aïra do: — "Evohe!"...

"Foi"... "Não foi"... Esses sapos, com certeza,
são meus parentes — ai! são meus irmãos!
Elles vibram commigo ante a belleza
da brumosa e glacial estação da tristeza...
Sapos geniaes: — aperto-vos as mãos!

PAULO GERALDINO.

A historia de um sentimental

Para Alvaro Moreyra, o lapidario masculino de uma Arte exil, feita de meias tintas, de occasos, de filigranas de ouro velho.

Sahí do jornal e entrei num café. Havia brumas lá fóra, na rua deserta e no meu coração que nada desejava...

Um homem, no fundo do salão, accenou-me. Reconheci nelle um maestro meu amigo, um sentimental, um homem que soffria desde o internato pela razão unica de acreditar nos outros homens... Estava soffrendo demasiado quando lhe apertei as mãos que senti frias e tremulas.

—“Estás doente?”

—“Estou morto”. E foi narrando, sem reboço, a sua triste historia:—
“Um desvario dos meus sentidos... amei-a sem saber quem era ella, apenas a vi naquelle verão, na praia aristocratica, no bar onde eu dirigia a orchestra para gaudio dos ouvidos della, daquella creatura de gestos ondulantes, labios carminados, de olhos rasgados a bistré a me fixarem sempre como que allucinados, quentes, chammejantes... Era uma serpente e com lentos ademanes, calmamente se aninhou no meu sér, dentro do meu coração. Casámo-nos. Hoje faz justamente um anno e... uma hora do terrivel desenlace. Após o *Rigoletto*, extenuado e somnolento, chego em casa, de retorno do theatro. Ao abrir a porta... um homem... ella... ainda queria escondel-o... Abandonei, espumando sangue, aquella mulher de olhos de gata que me queria perder, que me allucinava com a sua

SOCIEDADE PERNAMBUCANA



A encantadora mademoiselle Vicentina Fontes, uma das graças do “set” recifense.

toilette verde-esperança e sua cabelleira loura, escandalosamente oxigenada...”

Desappareceu, sem uma lagrima, branco e frio como o gelo que se dissolvía dentro da minha taça, através das brumas que tombavam, pesadamente, na rua deserta...

...No outro dia, acompanhei o enterro do pobre maestro que se lançara do quinto andar de um hotel, em plena avenida.

Aquella maestro... aquella mulher... aquella scena... Porque?...

ARNALDO LELLIS.



A nossa capa

Está illustrada hoje a nossa capa, com o cliché do galante Haylton, dilecto filhinho do sr. cel. José Pinto Lapa e de sua virtuosa consorte, d. Esther Pinto Lapa.

Triste história de Maria das Dores

...E desde então, todas ás noites, quando vinha da casa de um amigo, com quem estudava, encontrava sempre Maria das Dores, escorecunda, a mãosinha aleijada toda farrapada, cabelos desgrenhados, suja e uma expressão de medo nos olhos...

A primeira vez que me falou chovia a cântaros e eu passava apressado quando ella me segurou, suplicemente, pela capa. Olhei: era uma creatura pequena, quasi uma criança, que se pendurava a meu braço.

Em vão tentei despendar-me della. Continuei o meu caminho levando-a, quasi de rastos, após mim.

Mal dobrava a esquina, ella, agarrando-se a mim com mais força, disse-me:

— Olha... e segredou-me uma promessa torpe.

Repeli-a enojado.

— Ao menos, falou ella, dá-me alguma cousa. Tenho fome...

Atirei-lhe os níqueis que trazia e, desse dia em diante, sempre a encontrei, sentada num vão de porta, junto ao poste, aonde eu aguardava o bonde, a esperar a esmola que, invariavelmente, lhe dava.

Nunca me agradecia.

Monologava sempre consigo mesma e foi assim que, uma palavra agora, outra depois, consegui reconstruir a sua vida.

História banal, história triste:

Não conhecera pae nem mãe. Criava-a, por piedade, um casal bondoso que a expulsou de casa, mal teve conhecimento de sua falta.

A culpa fora minha...

*
*
*

Uma noite encontrei-a com al-

gumas flores. Perguntei para que as tinha.

Negou-se a responder. Finalmente disse: O seu querido Alberto morrerá: Trapaceava no jogo e o assassinarão no clube. Aquellas flores ella as comprava, todas as tardes, com as esmolas alcançadas, para ir leva-las, no dia seguinte, depois de um longa caminhada até ao cemiterio, á sepultura daquelle que a fizera infeliz.

Pobre Maria das Dôres aleijadinha e triste...

Havia três dias que não a encontrava. Nem mais me lembrava della.

Casualmente vim a saber, depois, o que lhe acontecera:

Uma tarde apparecera, desfigurada e fraca á mulher que lhe vendia flôres; comprara um modesto ramalhete com u'a moedinha, que tristemente deixara sobre o balcão.

No outro dia apparecera morta. O médico da Assistencia dissera que fora de fome.

Os que a conheciam zombavam de sua loucura: não se alimentar para comprar flôres. Não sabiam que nelas estava a sua felicidade e que lhe davam o maior prazer, que jamais experimentara.

Eram-lhe mais preciosas que tudo, talvez fossem somente ellas que enfeitássem o túmulo de seu querido Alberto.

Maria das Dôres, quasi a falecer de inanição, levava um pouco de perfume, ofertava toda a sua vida á memória daquelle que a fizera infeliz...

Recife, 16—6—1924.

Lctacio Jansen.





Renuncia

Não penses mais que eu vá perturbar tua vida...
Do destino eu me curvo á inevitavel lei;
Deponho as armas. Cruzo os braços na renhida
Lucta... Lucta ou paixão? Eu definir não sei...

Eu só sei que subi sem pensar na descida...
Estou vencido. Sou vassallo mas fui rei!
—Para que recordar essa gloria esquecida?
Nunca mais me verás... Nunca mais te verei...

Nunca mais has de ouvir minha voz, meu queixume;
Mas, o meu pensamento, — inquieto vagalume —
Meu pobre pensamento ha de ficar aqui!

Aqui, neste lugar, entre arvores, na grade
Deste velho portão. (que infinita saudade!)
Onde aprendi a amar e a padecer por ti!

Rodovalho Neves.

Rua - Mulher — Seus gestos... Seus sorrisos... Seus perfumes...

Com um beijo para as mãos de cada uma das adoráveis leitoras, o Príncipe das Estrellas, actualmente nesta cidade, em viagem de recreio — costume usados até na saltas regiões atmosphéricas em que vive — inicia, hoje, nesta formosa revista, uma secção de futilidades, arte, humorismo, etc.

Elle não terá a pretensão de abalar os thronos das magestades que, em Recife, pontificam na delicada e espinhosa tarefa de falar da vida alheia, mas procurará, na medida das suas forças, dizer as impressões que colher sobre os gestos, os risos e os perfumes dessa Rua-Mulher, que é a Rua Nova ou seja a "Avenida Benjamin Costallat", ponto preferido pela nossa gente chic, pelos nossos poetas, jornalistas, litteratos, e pelos encantadores como Dustan, Paulo Feitosa, Moraes de Oliveira, José do Egypto, Octavio Malta, Nelson Ferreira, Lectacio Jansen, Alonso Rodrigues, Alberto de Figueiredo, Adon de Oliveira, Hibernon Wanderley, Alfredo Duarte e tantos outros, dessa Rua-Amplidão que tem como estrellas de elegancia e belleza, as figuras envolventes de mles. Clarice de Almeida, Branca Elias, Almerinda Silva Rego, Ninj Maranhão, Cecé Ribeiro, Maria Luiza, Nair Silva Rego, Beatrizinha Lacerda, Noemi Góes, Branca Almeida, Lucia Rodrigues de Souza, Olga e Carminha Galvão, Alice Medeiros, Iracema e Ila Farias, Dagmar da Silva Rego, e enfim uma collecção digna da estufa dos muitos corações que por ali se encontram implorando "a graça

de um sorriso e a esmola de um olhar..."

Eis, pois, as credenciaes com que o Príncipe se apresenta.

5

Debaixo da "Arbor-Mea" do sr. Araujo Filho, cujos ramos poeticos, naquella noite, deram sombra a umas tantas pesôas, e em cujo tronco se enroscou a "salamandra de braços



Sta. Julia Cabral, figura de destaque em nossa sociedade

longos" do sr. Paulo Torres, discutiam-se diversos assumptos, quando um dos circumstantes accusou o sr. Oswaldo Santiago de ser o mysterioso João Paulistano, que tem preoccupado vivamente o interesse dos leitores deste quinzenario.

O Zé Penante, que ouvira a accu-

sação, defendeu aquelle moço, e a proposito narrou uma "piada", attribuida ao mesmo, e que se resumia no seguinte:

Um cidadão do interior, ha dias do mez passado, lamentavelmente installado "a bordo" de um automovel, percorria as ruas do Recife, baixo á cima, e depois de um bocado de viravoltas pela praça da Independencia, rua Nova, Cabugá, Imperatriz, 1.º Março, etc., apeou-se em frente do "Regulador da Marinha", presa de forte indisposição.



Sesthorita Dulce Silveira

O Santiago, então, ao vê-o saltar de semblante congestionado, cabellos eriçados, como os de um poeta repentista, disse para o Ozorio Borba:

—“Eis o resultado das estréas. O “barco” estava balançando muito, e o Quirino “enjoou”...”

Aquelle Penante é perverso!

UM POUCO DE POESIA E DE HUMORISMO:

O Príncipe no intuito de proporcionar alguns momentos agradáveis

às suas leitoras, transcreverá nesta secção versos deste ou daquelle poeta, fazendo, porém, rigorosa selecção, evitando, cest'arte, que os os aleijões e pretenciosos tenham aqui guarida.

Cabe a estréa ao joven poeta mineiro Djalma de Andrade, com o seu interessante soneto, intitulado:

“ARTISTA”

Que graça pôes, Maria, e que cuidado,
No arranjo e na feitura do teu [nho!
Eu nunca vi um quarto de noivado
Feito com arte tal, com tal carinho!

Nas fronhas lindas e no cortinado,
Na alvura dos lenções de puro linho
Transparece o teu gosto requintado
E ha traços destas tuas mãos de [minho.

No teu leito há talento, eu te asseguro
E ninguém poderia, amôr, suppôr-o...
Em tão pequena coisa tanto apuro!

E eu penso vendo o teu bom gosto
[e zelo:
—Si tal arte tú mostras em compô-o
Que pericia terás em fevelvel-o!...

DUAS LINHAS PARA MLE. B. E.

Não precisa que a minha gentil
amiguinha me volte o rosto quando
eu passo no bonde, naquelle lyrico
bonde que gosta tanto de olhar para
si, com os seus innumerados olhos...

Assim, chega a parecer que não
lhe sou indifferente...

Olhe-me bem de frente, muito de
frente, para que eu me convença
do seu desprezo ou da sua condescendencia.
Cada vez a adora mais

O PRINCIPE DAS ESTRELLAS.



Adão e Eva

O agil mancebo e a adolescente linda
encontraram-se, um dia, na floresta:
E um pudor imprevisito lhes empresta
purpurea côr ás faces virgens ainda.

Estremecem numa ansia vaga, infinda,
como si a propria Natureza, em festa,
os attrahisse, voluptuosa e lesta,
para a inconsciencia que o Peccado blinda...

Passa-lhes pelo olhar selvagem, lento,
um brilho extranho... Aos labios, um profundo
beijo, a tremer, funde-os nesse momento...

Como si o proprio coração do mundo,
humanamente a palpar, violento,
vivesse a eternidade de um segundo...

JOSE' MINDELLO.



Ideaes

Para a minha esposa.

Honfem alma e materia, e como tal escravo
Da ansia de conquistar e de vencer na terra.
Muito cêdo na vida armei-me para a guerra.
Disposto a pelejar em campo como um bravo.

E logo ao meu olhar, jamais da lucta ignavo
Com toda a seducção que seu fulgôr encerra,
Surgiu do Curo o infeliz idéal que nos decerra
A porta, ás maldições de que inda sinto o travo.

E depois fascinou-me a vertigem da Gloria!
Mas, como na primeira investida sombria,
Desolado recuei descrente da victoria...

Foi quando a voz do Amôr, murmurou-me: "Descança"...
Apenas o carinho... a ternura... a esperanza...
E deu-me mais que tudo o Amôr que offerencia

ASCENSO FERREIRA.



Camafeu

SAMUEL CAMPELLO

(UMA IMPRESSÃO NOCTURNA).

Camafeu, camafeu

pedra preciosa que adornastes outr'ora
linda mão de mulher, mão branca, mysteriosa,
cheia de segredo e de perturbações.

Mão de unhas côr de rosa
unhas de tigre a arranhar corações.

Mão que eu
andei a beijar, beijando o camafeu,
beijando aquelles dedos alfinisados,
agudos como agulhas hypodermicas
que beijeí numa delicia doida,
quando tambem andei doido

como os doidos de hoje que continuam no beija-mão
mãos brancas, chloroticas, mysteriosas
com camafeus ou não.

Camafeu que inspirastes o Macêdo
na ilha de Paquetá da Moreninha,
livro que encheu a sua infancia e a minha
e lemos em segredo.

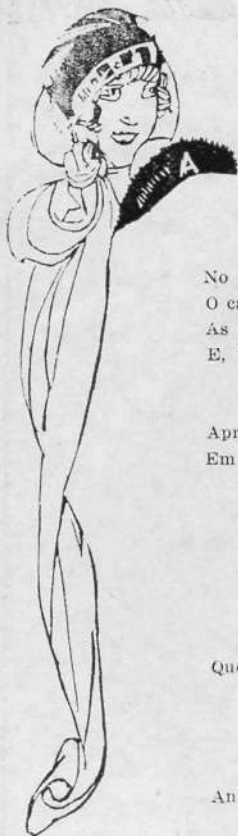
Camafeus, pedras preciosas — não vos adoro mais
eu já não sou pirata
e vós continuaes a ser uns calunguinhas,
camafeu que sois...

E eu de calungas, supporto apenas os almofadinhas
e o Mutt Jeff que trago na gravata.

Mas hoje o Camafeu
que eu canto aqui, num gesto todo meu,
é um cão que a meia-noite
vaga pelos bordeis e frequenta o *bas-fond*
numa alegria eterna de quem é bom
e numa liberdade eterna
de quem não tem que pensar no dia de amanhã,
de café em café, de taberna em taberna,
como o cão de Junqueira em busca de uma ceia,
cão que nos acompanha a toda parte
a balançar a cauda, numa alegria sã,
que não nos ha de trahir, como os amigos falsos,
e nada sabe dizer da vida alheia.
Cão sem dono, bohemio, sonhador,
que ceias comosco e vens dormir depois
lá em baixo das mesas da redacção.

Como nos parecemos nós dois
é como tens como o meu igual o coração.

E a ti que eu admire, Camafeu
que és bohemio como o Austro e philosopho como eu.



Sic itur

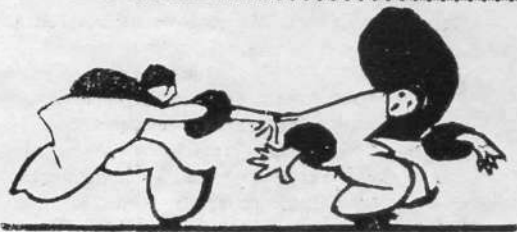


Nada se cria e nada se extermina
No immenso e prodigioso imperio da natura:
O calor, combustão que os mundos illumina,
As aguas putridas dos pantanos procura
E, transformando-as, para o amôr e para a vida,
Em evaporações as transfigura,
Libertas de impurezas e peccados.
Apraz vê-l-as subir numa ancia incomprehendida.
Em procura talvez dos mundos ignorados.

Si a materia não morre
E os atomos assim são immortaes,
O supremo phenomeno que occorre
E' a mudança da forma e nada mais.

A lua, a branca lua
Que num mar luminoso, em silencio, fluctua,
Melancolica e fria
Como uma nciva que morreu,
Talvez não seja a mesma lua
Que outr'ora, pallida, sorria,
Ante as caricias de Julieta e de Romeu.

A desagregação molecular se opéra
Em permutas que os seculos consomem.
E o amôr, celula mater, vive e impera,
* Desde o apparecimento estranho da monéra,
Até a apparição maravilhosa do homem.



ad astra



A exalação nauseante de um monturo.
Depurada amanhã num bizarro crisol,
Talvez chegue a alcançar um glorioso futuro,
Alimentando a combustão do sol.

Miraculosa transfiguração!
A quanta maravilha o destino conduz!
O que era lama, podridão,
Agora é sol, agora é luz!

Luz que rompe as entranhas do infinito,
Na instintiva expansão do embrionario calor;
Luz que penetra na alma ignota do granito;
Luz que funde os metaes e que define a côr;
Luz que fecunda a terra, em extase bemdito,
E faz desabrochar a sementeira em flôr!

Natureza, mysterio formidando,
Idéa, sangue, argilla ou sombra immaterial,
Bemdita sejas tu, refflorindo e cantando,
No supremo esplendor da vida universal.

Arriau do Oliveira



Cartas a uma viúva...

I

Exma. sra.:

Teye v. excia. uma feliz idéa, pedindo ao modesto folliculario que assigna estas linhas, escrevesse algo sobre o que chama, solennemente, v. excia. os *estádios amorosos*, a esca-la ascendente do amôr na sociedade actual.

Eis o *schema* sobre o qual se basearão as minhas observações a respeito de cinco typos sociaes muito em voga:

FLIRTEUR
NAMORADO
QUASI NOIVO
NOIVO
CASADO

Estudemos, pois, cada um desses typos communissimos, com os quaes, todos os dias, nos acotovelamos nas ruas movimentadas da cidade.

FLIRTEUR

V. excia., que foi moça, mas nos tempos antigos, em que havia mais vergonha e menos pó de arroz, penos carmim e mais pudôr, talvez precise de uma explicação minuciosa sobre o *flirt*.

O *flirt*, exma. é a coisa mais banal de nossa época, tanto assim que o dr. Austregesilo já lhe dedicou algumas linhas sibyllinas...

Há velhas que *firtam* com meninos, meninas que *flirtam* com velhos, senhoras casadas há e velhos de barbicha, também, que *flirtam* escandalosamente.

Dizem *alguns* e *algumas* que o *flirt* não faz mai nenhum, não offende. Não garanto a v. excia. si faz bem ou mal porque nunca pratiquei esse genero de esporte; não me agradam essas banalidades, prefiro coisas mais positivas, mais concretas... V. excia., viúva experimentada que é, bem me comprehende...

O typo do *flirteur* e os seus modos de agir, são esses: um moço elegante, quero dizer, um *almôfadinha*, sem idéas começa a olhar insistentemente para uma joven que lhe cáe nas vistas, ás vezes protegidas por uns oculos á Harold Lloyd.

Si é num cinema que a acção se realiza, o caso se passa do seguinte modo: durante as tres primeiras partes da fita, olhares, apenas, mas olhares, adocicados; depois um leve sorriso entre os dois e, ao se acabar a ultima parte da fita, o *almôfadinha* cumprimenta a *melindrosa*, acompanha-a, depois, á Bijou, tomam juntos o bonde, embora que aguardem, ainda, uma pequena distancia.

Afinal, exma. sra., a "*melindrosa*" (figuro o caso para uma mulher solteira...), acompanhada da mãe (não precisa reclamar a virgula que ella vem ahí), salta á porta de sua residencia e acompanha, com a vista, o *flirteur* impenitente, que, olhando sempre p'rá trás, desaparece numa curva...

E eis aqui, exma., uma synthese do *flirt*, coisa banal, semsaborana como se vê, que é, infelizmente um requinte da moda...

Sómente no proximo numero de "Rua Nova" é que tratarei de outros typos sociaes, do "Namorado" e do "Quasi Noivo", fechando então esta serie com os estudos, allás, muito mais serios, do "Noivo" e do "Casado"...

Não se impaciente, exma., porque este seu creado costuma respeitar os compromissos assumidos e está disposto a lhe expôr nestas cartas-syntheses e despretenciosas, os cinco *estádios amorosos* que a futlidade criou e a falta de vergonha baptisou com os nomes que lhes chamo...

Depõe em vossas unhas roseas de viúva elegante um beijo respeitoso o

Arlindo Figueirêdo.

COUSAS DA VIDA

(NUM JARDIM)

I

— Que linda és! Começas a desabrochar como aquella rosa, que ali vês, entre a folhagem!

— A rosa é tão bella!

— E' que a rosa é a tua imagem!

— A rosa é tão linda!... tão pequena!... tão meiga!... e o seu perfume como é doce!...



— O teu odôr é mais suave! entontece sem que a gente o sinta! Evola-se da tua alma, do rythmo do teu seio, da luz dos teus olhos, da graça do teu sorriso, das palavras que tu dizes!

— Das palavras que eu digo!...

— Que linda és! E que fascineo vem dessa idade em que as mulheres não são bem mulheres! São um tudo—nada! algo de moça—muito de creança!

— Creança!...

— E' que tu és menina e moça! O teu aspecto é igual ao da flôr

que vem abrindo! Não vês como a rosa atrae a nossa vista, e como o nosso coração galpita?

— Vejo!...

— Para mim, tu és a flôr que vem abrindo! Eu não me causo de olhar-te! E's tão linda!... tão pequena!... tão meiga!...

— Dizem que as flôres amam!...

— Sim: dizem! Devem ter, como nós temos, a sua historia de amôr! As flôres amam, e são tão frageis!...

— Murcham depressa! E eu tenho tanta pena quando vejo uma flôr descolorida, hirta, sem perfume, que nem me approximo della, nem lhe toco! O vento é que sempre a sepulta nos longes do jardim! Parece que o amôr é fatal ás flôres!

— O amôr das flôres! Oh! dolorosa fantasia! Quem, melhor do que o céu, saberá dos romances, dos poemas que se abrigam na corolla das flôres? E' por isso que, ás vezes, os olhos azu'es do céu se perturbam, e choram tantas lagrimas!

— Amarão ellas, porventura, o céu?

— Talvez! mas nunca poderão alcança-lo!

— Coitadas! E as lagrimas que os olhos do céu derramam!...

— São lagrimas de desespero ou de piedade! As estrellas fazem que o céu esqueça as bellezas da terra! Quando elle vem a saber do amôr cheio de doçura e de perfume, mas que conduz para a morte, amôr que fenece de ciúmes pela beleza das estrellas, e se traduz no impossí-

(Quatro annos depois).

vi pela distancia que não tem medida, — é tarde! — as pobresinhas já se vão despetalando, ou passam ás mãos de outro — é tarde! E' por isso que as lagrimas do céu são de piedade ou de desespero!

— Se o céu não se deixasse encantar pelas estrellas!...

— Esqueçamos as flôres...

— Não! que eu, tambem, posuo uma historia, um nome no coração!

— Tu?! Não posso crer minha pequena!... minha linda!... minha meiga!...

— Embora! O céu quando vem a saber do sentimento das flôres, é tarde para salvá-las! Quer-me parecer que o amor dos homens... nem sei!...

— O que dizes? Conta essa historia, segredame o nome que tens no coração; não posso ser teu confidente?

— Mais do que isso!... a historia... o nome... tudo se resume em tres palavras: eu te amo!

— A mim? estás brincando!

— Não! sempre, sempre te amei!

— Creança que tu és! Eu te quero bem minha pequena! Eu te acho linda, meiga como as flôres, mas não te posso amar! Por que me disseste a tua historia? Alguem ha que me fascina nesta vida!

Deixa que eu te veja sempre como uma pequena, muito linda e muito meiga! Não me peças mais, que o meu coração é de outra!

— Ingrato!... os homens como são máos!

E ella afastou-se, os passos muito vagarosos, enxugando, na manga do vestido, a humidade que o pranto lhe fizera no rostinho magro de menina e moça.

— Ha tanto tempo que não te via! E's uma moça!

— E bem feia...

— Queres um galanteio? e bem bonita! Nem parece que foste uma menina magrinha e irrequieta que exultava quando eu lhe trazia doces e confeitos, e que me lambusava com uns beijos...

— E que te deu tanto trabalho!...

— Nem tanto! mas, hoje! hoje és uma moça!

— E quando eu era menina e moça — como dizias—

— Ah! recorde-me... uma vez, no jardim, tu me disseste, com a franqueza das creanças, que...

— Já és noivo? Que é da mulher que tu querias tanto?

— Esquecia-a... ella me não amava... trahu-me... emfim era uma mulher!

— Como deploro a tua sorte!

— Queres saber de uma coisa? Eu hoje é que te comprehendo! Quando vi o retrato que mandaste a minha irmã, o meu coração pulsou desordenadamente! Não crês? Hoje eu te vejo como a creatura que nasceu para mim! Eu te amo!

— E' pena!... passou tanto tempo... o meu coração hoje, é de outro...

— Ingrata!... não têm constancia as mulheres!

E depois de ter-lhe apertado a mão, elle saiu triste, sem volver a vista, o passo tropego, a cabeça inclinada para frente, e os olhos cheios de lagrimas de desespero!

1922.

EVANDRO NETTO.

FALSA SUPREMACIA

Por muito grave que seja o involuero material que a connserva, toda existencia tem nas cousas mais pequenas e ignoradas, um motivo, um atomo de seu ser.

Por vaidade, ou tentando uma superioridade que, porem, não se alcança, nega-se muitas vezes a semelhança, ou igualdade mesmo, sob certo ponto de vista existente entre os corações. Mas, essa affirmativa não pode ser feita com sinceridade na voz, firmeza nos labios e limpidez no



Senhorita Laura
Alves

olhar porque na realidade é u'a mentira e intimamente fundo remorso.

Nisto as excepções são constituidas apenas, por aquelles a quem um qualquer defeito organico faz santificar...

Vejamos um vulto elevado nas artes, na politica, no commercio, na industria.

Altivo, impassivel por vezes, seu valor recebe homenagens, seu espirito constata progressos.

Perante crises avassaladoras de qualquer especie, não se commove publicamente, porque sendo "superior", uma lagrima em seus olhos seria uma baixaza, uma vergonha de que jamais seria remido, se vista pela curiosidade de outros olhos quaesquer.

E' que seu coração refundido pela gloria ou pelo oiro, não pode-se igualar a outros corações a quem a qualidade de ser commum, permite o direito de exteriorisar sinceramente os seus intimos sentimentos.

Entretanto se podessemos vel-o em plena intimidade, entre as quatro paredes de seu quarto a sós, no silencio da noite!...

Como dormem melodias nas cordas de um violino esquecido, dormem all sensações profundas, que o abalam e enternecem, em pequeninos nadas que para o seu coração são mais eloquentes, que as vinte e cinco letras do alphabeto a serviço dum genio.

Uma roza, por exemplo, encontrada entre as paginas amarellecidas d'um volume antigo...

Peciolo, calice, estames, corolla, todo o conjunto admiravel que formava aquella perfeição, agora uma cousa informe, é um monumento ante seus olhos illuminados pela recordação.

E' a lembrança perfeita d'um dia longiuo; d'uma tarde primaveril levada há muito pela impiedade do tempo; das mãos esguias e mimosas que sem temerem os espinhos, roubaram ao hastil verdejante aquella joia da Natureza para lh'a offerecer: emfim, dum momento de felicidade verdadeira, agora vinculada pela alma e pelos sentidos á sua vida e eu-

< Ella ha de vir... Espera! >

Manhã. De novo, mal o sol me invade
 Todo o amplo quarto como um namorado.
 Desperto e corro a olhar a soledade
 Da velha casa que habitaste, ao lado.

A mesma pungentíssima saudade.
 Aqui, num poema lindo, o engaiolado
 Canario canta... E que espontaneidade
 A deste rude menestrel doirado!

Olho-a. E as janellas, recortadas de hera,
 Batidas pelo vento, noite e dia,
 Vendo-me os gestos de acabrunhar, ento,

Dizem, assim: "Ella ha de vir... Espera!
 Pois, do contrario, não nos deixaria
 Expostas ao ridiculo do vento".

LANDULPHO MEDEYROS.

ja lembrança, é tão impossível de
 destruir como a um pintor a sua
 obra prima.

Perante motivos taes, porem, comove-se.

Fala-lhe baixinho a razão, segredalhe malvada a Saudade, o que não poderá esquecer e então olvidando gloria, oiro, renome, torna-se o homem *commun*, pela força dum a grima limpida, escaldante, que reduz a pó todo o mysterio de sua supremacia.

E' que não há essa desjada superioridade...

Toda alma, é um foco de dôr, de amor, de odio, grandes alegrias, fundas saudades, de dezenas de sentimentos outros que se elevam como uma grande escala chromatica, para fermarem longe, no azul, um pallio

de harmonia e igualdade que a todos abriga e identifica.

E' em face desses sentimentos, que todo homem é igual. Rivista-se em bora de exterior superioridade, não pode fugir á lei, porque não se pode ser mais forte que a fatalidade.

Se todos adoptassem o direito de sonhar em voz alta, chorar e sorrir, teriamos então a morte do martyrio inenarravel das sensações reprimidas, das lagrimas sopeadas, de todo esse castigo infindo a que se submettem por orgulho o que se julgam superiores e que, entanto, são tão infelizes, que não podem fruir a doce graça voluptuosa e serena de serem sincéros...

Comercista Pauos

RUA NOVA

Redactor: Solon d'Albuquerque

Illustrador: Amaro P. Cavaleanti

Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida á rua Padre Nóbrega 388.

Numero' do dia. \$500

Assig. annual. . 12\$000

QUINTILHAS DA SAUDADE

Lá por fóra geme o vento...
Como é triste ouvil-o assim
Zunindo, uivando, agoirento,
Que horroso soffrimento,
Eu sinto nascer em mim....

Meu Deus que presentimento
Horrorosamente ruim...
Julgar-me no esquecimento,
Julgar-me do amor, isento,
De quem aneia por mim...

Plange ao longe, um sino lento,
E entre flores de setim,
Leio o doce nome, attento,
De quem, para meu tormento
Está tão longe de mim...

Só, Meia noite. Momento
De dôr, ao longe um mastim
Uiva e geme... que lamento...
Contra Morpheu, louco tento,
E penso em quem pensa em mim...

Nem na cella de um convento
Ha tanta tristeza assim...
Saudade!... padecimento...
Vejo-a no meu pensamento,
E ella tão longe de mim...

Fernando Burlamaqui.

"A' SOMBRA DAS ARVORES"

Faz dias, com honrosa offerenda do seu joven e intelligente autor, José Mindello, chegou-me ás mãos a *sombra das arvores*.

Trata-se de um poema em 15 sonetos, cadenciados e brilhantes, de uma envolvente simplicidade e rara belleza, trescalando um perfume azul, muito doce, agradabilissimo...

A' *sombra das arvores* é um hymno á Natureza — a verdadeira patrocinatora das intelligencias privilegiadas, como a de José Mindello — hymno de encantos e affectos, que a gente o lê sem se impressionar á algazarra de creanças, sem attender, ao chamado para o café, ou mesmo, sem voltar a attenção ao desfilar de uma passeiata, tão attrahentes e encantadores são os versos da linda brochura, sobre todos os motivos merecedora de elogios, e cujo melhor se me affigura a transcripção de algumas phrases da esplendorosa "Batalha de Flôres", uma das photographias do espirito fulgurante de Antonio Ferro:

"Adoro os livros delgados, elegantes, esguios, que convivem connosco, que uma hora depois de apresentados, já nos têm contado o seu passado, o seu presente, o seu futuro...

Um livro pequeno é, geralmente, um grande livro, sobrio, luminoso, lapidar..." *Solon d'Albuquerque.*

"LEADER"

Enviados pelo distincto e operoso sub-gerente da "Companhia Grande Manufactura Veado", em Recife, snr. J. Pereira Braga, recebemos alguns exemplares dessa revista de artes e letras, os quaes descansam sobre a nossa mesa de trabalhos. Impressos em papel "couché" e illustrados pelo pincel maravilhoso de Angelus, trazem, como os anteriores, um summario excellente.

No Boulevard

Quatro horas da tarde. O "footing" está animado. Senhorinhas passam sorrindo. Almofadinhas, em grupos, conversam gesticulando...

Rosalva Mirante, com suas irmãs, atravessa a rua, em direção à "Bijou". Um poeta, vendo-a, elegante, vaporosa, improvisa a seguinte quadra:

"A senhorinha Rosalva,
Fassa sorrindo, de leve,
A sua tez é tão alva,
Parece branca de neve."

* *

— Ih! Mamãe! Clotilde, está hoje com as pernas tão grossas?!

— Cala a bocca, filha. Ella traz em cada perna uma dúzia de meias. E' para enganar os rapazes.

* *

A orchestra da "Bijou" principia um "fox-trot". Sorrisos pairam no ar. Olhares alinhavam o ambiente tecendo flirts.

Uma sympathia envolve os circumstantes. A musica vai, aos poucos, inclinando, fazendo sonhar.

O poeta apaixonado, sorrindo atira versos:

Eu quero morrer de amar,
Numa ansia indefinida,
As moças, levam-me a vida,
Num sorriso, num olhar.

* *

— Você viu aquelles olhos?
— Bonitos.
— Brejeiros.
— Vai atrás.
— Eu não.
— Porque?

— Têm, dono.

* *

A Exposição regorgita de moças. Cada qual mais linda, mais bella. Tudo é sorriso alli. Tanta borboleta junta: azues, vermelhas brancas, amarellas...

O poeta não se contém:



A encantadora senhorinha Maria de Lourdes

Na minha visão se antolha,
Essa duvida maldicta:
Ha tanta moça bonita,
Não posso fazer escolha.

* *

— Leandro, você conhece aquella pequena?

— Conheço.
— Onde mora?
— Na Varzea.
— Bonita hein!?!...
— Não serve.
— Porque?
— E' pobre.

*
* *

Na porta da Casa Gondim outro grupo de moças, embeleza aquelle trecho da Rua Nova.

Um perfume subtil, atrae as pessoas inconscientemente.

O poeta tambem embriagado pelo olôr, declama:

Desejos, na vida, consomem
Grandezas, que pensar, requer:
Pode haver que embriague mais
o homem,
Do que o perfume da mulher?



Senhorita Ozita de Barros

*
* *

E a vida nisso se resume,
Prazer melhor não pode haver:
Quanto mais se bebe esse perfume,
Mais vontade se tem é de beber.

*
* *

- D. Clarice.
- Vai Linda.
- Bem feita. Elegante.
- Perdeu o marido a pouco tempo.
- E' viuva?

CORONEL CARLOS LYRA

A 10 do corrente, na usina "Serra Grande", em S. José das Lages, falleceu o coronel Carlos Lyra, cercado dos carinhos de sua extremosa familia e confortado como um bom catholico, com os sacramentos da igreja.

A noticia, que correu celere em todo o paiz, consternou a quantos privavam de seu trato maneiroso e gentil.

Homem de acção e de trabalho, proprietario do "Diário de Pernambuco" e grande industrial, o coronel Carlos Lyra que muito fez pelo desenvolvimento de Alagoas e de Pernambuco, deixou uma grande lacuna, neste e naquelle Estado.

Rua Nova, apresenta condolencias a sua digna familia e ao *Diário de Pernambuco*.

- Sim.
- Oh! E' pena.
- E' nova ainda.
- Não digo o contrario. Mas tem um cheiro do passado...

*
* *

Outro grupo de moças vem passando pela calçada do cinema "Royal". Estão todas de cabellos á La Garconne. Num ponto fazem um semicirculo.

O poeta para e diz:

Que sorte ferina, eu tenho,
Não cavo rica menina:
Essa é senhora de engenho,
Aquella é dona de usina.

*
* *

Isso até, é desafôro...
Pois, se o assucar, não parar,
Todas ellas têm namôro,
Estão sempre prá casar.

CROCIO RIAL.

BOATE-SOCIAL

Fizeram annos no dia 10 do corrente: dr. Julio Pires Ferreira, lente da Escola Normal deste Estado;

dr. Costa Ribeiro, deputado federal;

d. Maria Luiza Cabral de Mello, esposa do dr. Diogo Cabral de Mello;

dr. João de Medeiros Raposo, secretario do Districto Telegraphico neste Estado;

sr. Raul Neves Baptista, commerciante nesta praça;

o sr. Carlos Pessoa Guerra;

d. Alice Lima Areias, digna esposa do dr. Antonio Areias, clinico nesta capital:

No dia 11:

a senhorita Adelia Lowenstein, alumna da Escola Normal Pinto Junior;

a senhorita Irene Baldi;

o coronel Olympio Tavares, commerciante nesta praça;

a senhorita Dulce Marinho Rego

a senhorita Maria Judith, filha do dr. coronel João Benigno;

o pequeno Junius Lima, filho do illustre dr. Praxedes Lima;

a senhorita Antonietta Paiva de Mendonça filha do sr. Umbelino Paiva de Mendonça;

o sr. José de Paiva Ferreira Alves, commerciante nesta praça;

o pequeno Gilvan, filho do sr. Victor Neves de Oliveira;

o pequeno Bivaldo, filho do sr. José Gonçalves Galvão;

a senhorita Noemia Correia, filha do sr. José Coreia;

a senhorita Lucilla, filha do sr. Afonso Beda;

a senhorita Josepha Regueira, filha do professor Gaspar Regueira;

a senhorita Alice do Rego Bar-

ros, filha do sr. João Augusto do Rego Barros;

d. Maria Ferraz, esposa do sr. Manuel da Cruz Ferraz;

d. Dulce de Souza, consorte do sr. Joaquim Marianno de Souza;

d. Marietta Silva de Gusmão, digna esposa do tenente Arthur Porcio Leão de Gusmão

d. Marietta de Andrade Lima, esposa do dr. José de Barros Lima;

os srs.: Luiz Carlos de Campos Lima, Oscar dos Santos Saraiva, Armando Pereira Torres, Antonio Ramos Chaves, Raymundo Bandeira Antonio Vieira da Silva, Francisco de Siqueira Brederodes, Antonio José Lopes Teixeira.

No dia 12:

d. Maria Mascarenhas Mello Ferreira, esposa do coronel Antonio Carlos Ferreira;

d. Adalgisa Maus da Silva, consorte do major Augusto Carlos da Silva;

a senhorita Anna Barretto Baptista, filha do sr. Manoel Barretto Baptista;

a senhorita Calipsa Thereza da Cruz, filha do sr. Carolino José da Cruz;

d. Balbina Salgueiro Ramos, esposa do sr. José Pereira Ramos.

No dia 14:

Os pequenos Leoncio, filho do dr. João Lemos, nosso confrade de imprensa.

No dia 15:

a senhorita Maria José Borba, filha do dr. Manoel Borba, senador da Republica.

No dia 18:

o intelligente Aldo, filho do nosso presado collaborador professor Eustorgio Wanderley.

V. Excellencia vae comprar
Roupas Brancas ?

Economise tempo e dinheiro

VISITE A



Camisaria

::: Especial :::



e compare os seus preços que são

20 % mais baratos

Preço fixo

Rua Duque de Caxias, N. 235

Telephone n. 526

A Fabrica Modelo

Proprietario P. Felix Cavalcanti Filho



Dispõe de esplendidos figurinos para moveis, chegados recentemente de Paris, Buenos-Ayres e Rio.

Confecciona-se com a maxima presteza e exatidão, qualquer encomenda de moveis.

Tudo isso faz a Fabrica Modelo, com a condição especial de ser por preço baratissimo.

Avenida Lima Castro, 243



VERA CRUZ

Companhia de Seguros sobre a Vida

Capital integralizado 500.000\$000

Avenida Rio Branco n. 47 — RIO DE JANEIRO

Superintendentes:

Carneiro & Galvão, Ltd.

Avenida Marquez de Olinda

RECIFE

FABRICA

ZENITH

Durães Cardoso & Cia.

IMPORTADORES DE FARINHA DE TRIGO E ESTIVAS

Exportadores de assucar, cereaes e café

Fabrica:

Escritorio:

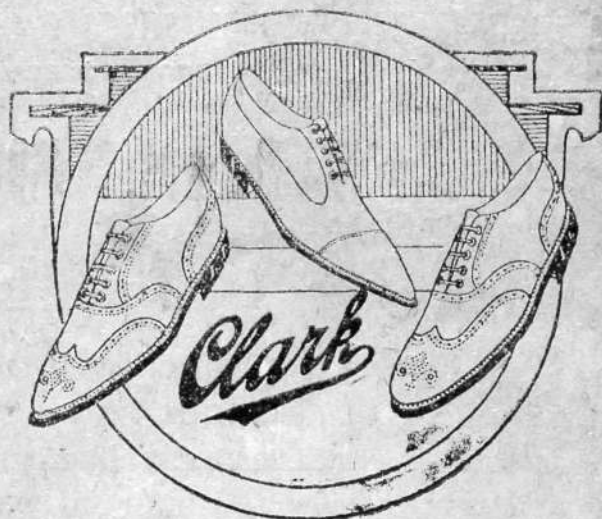
ILHA DOS CARVALHOS, 58 e 84 RUA JOÃO DO REGO, 213 e 221

Telephone, 343

Telephone, 147

Telegramma—ZENITH

Codigos: RIBEIRO e BORGES



Casa Clark *Clark*

Durante o mez de Julho grande

_____) venda (_____

PREÇOS REDUZIDOS



Visitem as **CASAS CLARK**

Rua Nova 193 — Filial

Rua da Imperatriz — 269



ESCOLA DE ARTE CULINARIA



Os novos cursos começarão em Julho proximo, estando as matriculas desde já aberta na

Loja do Gaz

Rua da Imperatriz, 139



A Pernambuco Tramways & Power Co. Ltd.

offerece o premio de um
elegante e moderno

*Fogão a Gaz com installação gratuita
cuja entrega será feita por
meio de sorteio entre as alumnas
diplomadas.*



Loureiro, Barbosa & C. L.^{da}

Travessa do Amorim n. 75

RECIFE
PERNAMBUCO

End. telegraphico **LOUBOSA**

Estivas, farinha
de trigo, xarque, etc,

Proprietarios
da Saboaria
Franceza

Importação e exportação
Commissões e consignações

Agentes em todas as praças do paiz e estrangeiro

CONFETARIA BIJOU
DE
Almeida Bastos & C.

Está sem rival no Recife, competindo com as melhores especialistas do Rio de Janeiro. É o ponto chic das reuniões de elegancia e graça, frequentado pela fina sociedade recifense : : :

No n. 370 a qualquer hora frios diversos, serviço rigoroso de café, leite, qualhada, bombons, conservas, fructas, vinhos, queijos, nacionaes e estrangeiros

CHOPP DA BRAHMA

Orchestra permanente

Rua Nova, 362

FUMAR SÓ MARCA VEADO

LEADER

BAUNILHA

RACHEL

Encontram-se em todos os fiteiros

Deposito de Pernambuco:

Praça do Mercado, 22 — Teleph. 615

Telegrammas
ALMEDARES

Telephone
641

SOARES, ALMEIDA & C.
25

PRAÇA DA INDEPENDENCIA

MATERIAL ELECTRICO EM GERAL

Stock completo de todos os artigos pertencentes ao ramo. Mantem operarios competentes para execucao de qualquer trabalho. Executam installações em cidades, villas, fazendas etc. Encarregam-se de illuminações provisórias, publicas ou particulares, lampadas Edison, Tungram e Philips-communs e de 1½ Watt-Lampadas Magnon para series e 220 volts.

SINCERIDADE

Lustres 25\$ 30\$ 40\$ 50\$ 60\$

Plafoniers 12\$ 15\$ 20\$ 30\$ 40\$

Abatjourns com pingentes 6\$ 8\$

10\$ 12\$ 15\$ 20\$

Castiçoes para meza 15\$ 20\$ 25\$

30\$ 40\$

Stock sempre renovado em todos os artigos.

Ferros engommar 25\$ 35\$. Fo-

gões e fogareiros electricos. Tu-

lipas e abat-journs communs.

Visitem a nossa casa antes de effectuarem as suas compras pois

!! Economia é a base da Prosperidade !!



— Saneae a vossa casa
si quereis ter saude.
O projecto da installação e
o orçamento são fornecidos
gratuitamente pelo Escriptorio
de Engenharia Civil e Sanitaria
de L. & U. BORBA
Rua da Aurora - 463— Recife



Cinema Royal

Sexta-feira 20 de
Junho

O mais luxuoso film da
METRO distribuido pela PA-
RAMOUNT tendo como
«estrella» a adoravel MAY
MURRAY

JAZZMANIA

